

O papel do “criacionismo científico” no fundamentalismo protestante

*Haller Elinar Stach Schünemann**

Resumo

O fundamentalismo protestante surgiu no início do século XX como reação às correntes liberais e modernistas difundidas nos Estados Unidos, formando um movimento conservador. Um dos braços mais evidentes do fundamentalismo protestante é o chamado “criacionismo científico”. A proposta do “criacionismo científico” envolve defender a veracidade do relato bíblico da criação e atacar o evolucionismo. Esse estudo sobre a função do criacionismo científico dentro do fundamentalismo protestante deseja demonstrar o papel de legitimação das crenças pelo uso do conhecimento científico, mostrando a compatibilidade entre a fé bíblica e o mundo moderno secular, e oferecer argumentos para que o ensino do criacionismo possa estar presente nas escolas públicas. No caso do Brasil, restringe-se à primeira função.

Palavras-chave: Fundamentalismo protestante – Criacionismo científico – Evolucionismo – Mundo moderno – Ensino.

The role of “scientific creationism” in Protestant fundamentalism

Abstract

The Protestant fundamentalism appeared in the beginning of the 20th century as a reaction to liberal and modernist currents spread throughout the United States forming a conservative movement. One of the most obvious branches of the Protestant fundamentalism is the so-called “scientific creationism”. It is the “Scientific Creationism’s” proposal to defend the truthfulness of the biblical account of creation and to attack evolutionism. The present study on the “Scientific Creationism’s” role within the Protestant fundamentalism wishes to show the legitimating role of beliefs through the use of scientific knowledge, showing the compatibility between the biblical faith and

* Doutor em Ciências Sociais e Religião – Universidade Metodista de São Paulo. Professor e pesquisador no Unesp-SP. E-mail: haller_schunemann@yahoo.com.br.

the secular modern world; and to offer arguments so that Creationism can be taught in public schools. In the case of Brazil, it is restricted to the first function.

Keywords: Protestant fundamentalism – Scientific creationism – Evolutionism – Modern world – Education.

El papel del “creacionismo científico” en el fundamentalismo protestante

Resumen

El fundamentalismo protestante surgió en el inicio del siglo XX como reacción a las corrientes liberales y modernistas difundidas en los Estados Unidos, formando un movimiento conservador. Uno de los brazos más evidentes del fundamentalismo protestante es el llamado “creacionismo científico”. La propuesta del “creacionismo científico” es defender la veracidad del relato bíblico de la creación y atacar el evolucionismo. Ese estudio sobre la función del creacionismo científico dentro del fundamentalismo protestante desea demostrar el papel de legitimación de las creencias a través del conocimiento científico, mostrando la compatibilidad entre la fe bíblica y el mundo moderno secular; y ofrecer argumentos para que la enseñanza del creacionismo pueda estar presente en las escuelas públicas. En el caso de Brasil, restringido a la primera función.

Palabras clave: Fundamentalismo protestante – Creacionismo científico – Evolucionismo – Mundo moderno – Enseñanza.

Introdução

O fundamentalismo é um fenômeno social de natureza religiosa que, de uma forma simplista, pode ser considerado uma rejeição ao pensamento moderno. A origem do nome está associada ao conservadorismo radical do protestantismo estadunidense. O fundamentalismo protestante tem se expandido em diversas partes do mundo como consequência das missões religiosas evangélicas. Uma das faces mais visíveis do fundamentalismo militante é o “criacionismo científico”. No Brasil, o “criacionismo científico” começou a ganhar algum destaque na mídia apenas no início desse século. O objetivo dessa investigação é demonstrar o papel do “criacionismo científico” dentro do fundamentalismo protestante, que está em crescimento no Brasil. Dessa forma, primeiro, faremos uma caracterização do fundamentalismo protestante. Em seguida, apresentaremos, de forma sistemática, os principais pontos defendidos na literatura criacionista e, por fim, discutiremos a função do criacionismo no movimento fundamentalista protestante.

O fundamentalismo

A palavra fundamentalismo hoje tem sido usada de forma ampla, mesmo na academia, para indicar grupos religiosos que adotam uma postura de interpretação literal dos textos sagrados ou mesmo que se manifestam com intolerância aos processos de modernização e secularização da sociedade atual. Nessa acepção ampla, o fundamentalismo não diz respeito apenas ao protestantismo. Armstrong (2000, p. 10) considera que os diversos fundamentalismos consistem em uma devoção militante que se opõe ao secularismo, esse imaginado por muitos como uma tendência irreversível nas sociedades modernas. Ela ressalta que os fundamentalistas estabelecem um plano de ação para recolocar a religião no “centro do palco” (Armstrong 2000, p. 11). O sentido de colocar a religião no centro seria uma consequência da existência de uma guerra espiritual entre o bem e o mal. Marty e Appleby (1993, p. 3), em seu projeto de estudos dos diversos fundamentalismos, reconhecem que o termo pode ser impreciso, pois há diferenças significativas entre cristãos, judeus, muçulmanos, budistas e hinduístas. Contudo, eles consideram as semelhanças em sua forma de ação relevantes para serem classificadas sob a mesma categoria. A semelhança de ação se percebe por meio da valorização de um discurso de valores tradicionais, da busca por construir uma identidade bem demarcada em relação à sociedade e de um conjunto de estratégias para moldar o futuro da sociedade dentro dos valores considerados corretos. Justamente por essa ação de aperfeiçoamento da sociedade, os líderes fundamentalistas incentivam seus membros a retomarem o controle das ciências e tecnologias, que estariam sendo mal utilizadas pelos seculares, segundo Mendelson (1993, p. 23). Ao longo de toda a sua obra, Kepel (1991) analisa a reação conservadora dentro do catolicismo, protestantismo, islamismo e judaísmo. Para ele, em cada uma dessas grandes tradições religiosas organizam-se movimentos que não apenas desejam sustentar uma visão conservadora da religião, mas esperam também reforçar o poder político como forma de deter as tendências seculares nas sociedades em que vivem.

Essa breve exposição sobre os fundamentalismos ressalta a percepção política desses movimentos. Na realidade, o interesse pelos movimentos fundamentalistas começou justamente a partir do momento em que eles passaram a adotar uma agenda política, mas sua origem é muito anterior. Isso poderá ficar mais claro ao se analisar o protestantismo fundamentalista, que dá origem ao nome, mas sem um caráter negativo em seu início.

O fundamentalismo protestante

O termo fundamentalista tem sua origem ligada ao conservadorismo radical dos protestantes estadunidense no início do século XX, embora hoje

tenha se tornado uma categoria sociológica usada para indicar os movimentos religiosos militantes antissecularização em qualquer tradição religiosa. Nesse estudo, porém, o fundamentalismo restringe-se ao protestante. Segundo Velásquez Filho (1990, p. 111-130), o protestantismo no Brasil está em grande parte ligado ao fundamentalismo estadunidense.

Embora o fundamentalismo protestante, como outros, tenha se tornado mais visível a partir do fim da década de 1970, ele tem uma gestação lenta já a partir da segunda metade do século XIX, e foi bastante militante até a década de 1930. Armstrong (2000, p. 345-352) destaca alguns aspectos da mobilização atual do fundamentalismo protestante. Em primeiro lugar, há um incentivo claro a que os cristãos fundamentalistas ocupem cargos públicos com o objetivo de defender sua forma de vida contra o “humanismo secularista”, tido como o grande inimigo a ser combatido. Em seguida são indicados alguns inimigos a serem combatidos, como o feminismo, o direito ao aborto, o ensino da evolução, a proibição das orações e qualquer ensino religioso nas escolas públicas. Assim, o fundamentalismo protestante, sentindo-se ameaçado cada vez mais pela apostasia secularista, reage de forma hostil e agressiva para reaver seu espaço. O ensino do criacionismo é uma das bandeiras mais intensas dessa retomada, pois o evolucionismo seria a “mãe” de todos os erros do secularistas.

Mardsen (1980, p. 55-62) apresenta a relação entre a teologia dispensacionalista e o desabrochar do fundamentalismo. O dispensacionalismo é um tipo de interpretação bíblica que valoriza, em primeiro lugar, o senso comum como base para os estudos bíblicos. Em segundo lugar, considera que toda a Bíblia aponta para a volta de Cristo, e que a história da salvação está dividida em grandes períodos ou dispensações. A crença dispensacionalista é de que a volta de Cristo ocorrerá antes do milênio, o que nega qualquer possibilidade de uma visão otimista do futuro terreno. Junto à teologia dispensacionalista há outro elemento importante que é a pregação do processo de santificação pessoal como o coração da pregação evangélica. Mardsen (1980, p. 72-85) também destaca os movimentos de santidade como um importante elemento na formação do fundamentalismo estadunidense. Para os movimentos de santidade, a salvação pessoal não é possível sem uma experiência pessoal com Jesus Cristo. O salvo em Cristo afasta-se do mundo e deve desenvolver uma experiência de santificação pessoal. Essas concepções religiosas estavam presentes em diversas denominações protestantes no fim do século XIX, mas não constituíam o principal discurso protestante. Ao estudar o período do fim do século XIX e início do século XX, Moorhead (1999, p. 97-122) destaca a grande expansão do evangelho social e uma visão pragmática da religião como um importante meio de aperfeiçoamento da vida. A ideia da volta de Cristo

após o milênio estimula a visão de um futuro promissor, no qual as Igrejas poderiam ter um papel importante na reconstrução da sociedade (MOORHEAD, 1999, p. 57-62). As Igrejas são transformadas em centros de treinamento para imigrantes, em rede de amparo social aos carentes; em suma, em um importante espaço para o desenvolvimento de ações entendidas como fundamentais para a construção de uma nova sociedade. A própria teologia desse segmento das principais Igrejas protestantes mantinha uma visão otimista quanto ao futuro. Assim, a compreensão de uma doutrina bastante discutida no protestantismo, a volta de Cristo à Terra, passa a ser vista como distante e no fim do período milenar, caracterizado pelo estabelecimento de uma sociedade justa baseada nos princípios cristãos. Apesar de a maior parte dos protestantes adotarem posturas liberais, uma parcela expressiva se opõe a esse otimismo. Para Mardsen (1980, p. 93-101) a aproximação dos dispensacionalistas e dos defensores dos movimentos de santidade, ambos defensores de uma leitura literal da Bíblia, marginalizados pela teologia liberal, são os elementos internos do protestantismo para a formação do fundamentalismo. Como destaca Mardsen (1980, p. 118-123), *The fundamentals*, uma coleção de artigos publicados em 12 volumes entre 1910 e 1915, são o marco de cristalização do fundamentalismo protestante. Os diversos artigos publicados por pregadores e alguns acadêmicos caracterizam-se por defenderem os pontos entendidos como fundamentais para que o cristianismo continuasse sendo a religião verdadeira. Schweitzer (2001, p. 34) relaciona os nove pontos que se tornaram a marca de identidade do fundamentalismo, embora, naquele momento inicial, nem todos os participantes concordassem com todos esses pontos. São eles: (1) inspiração e inerrância da Bíblia, (2) a Trindade, (3) nascimento virginal e a divindade de Cristo; (4) a queda do homem e o pecado original; (5) a morte expiatória de Cristo para a salvação dos homens; (6) a ressurreição corporal e a ascensão; (7) o retorno pré-milenar de Cristo; (8) a salvação pela fé e o novo nascimento; (9) o juízo final.

A partir dessa relação de pontos de fé podemos destacar que eles se opõem fortemente ao pensamento teológico liberal que vem desenvolvendo, desde o período do Iluminismo, uma crítica ao texto bíblico. A Bíblia passou a ser examinada criticamente enquanto documento religioso. São levantadas questões sobre os verdadeiros autores, a influência do ambiente circundante na produção da mensagem e até a veracidade histórica das narrativas. As ideias liberais expandiram-se durante o século XIX, em especial no grande centro da teologia protestante, a Alemanha. Essa visão religiosa facilitava a aceitação do darwinismo como explicação do processo de criação divina entre os protestantes liberais nos Estados Unidos. Asa Gray, o principal divulgador da evolução darwinista nos Estados Unidos, manteve-se sempre ligado à sua

Igreja (RACHELS, 1990, p. 10), mas isso não diminuiu a hostilidade dos setores conservadores protestantes ao pensamento darwinista. Aceitar o pensamento darwinista seria reconhecer que certas partes da Bíblia deveriam ser tomadas de forma figurativa, uma ideia ameaçadora para os setores conservadores do protestantismo estadunidense. Para conter essas ideias perigosas, os movimentos protestantes conservadores, já em 1892, tentam impor, em nível federal, uma lei tornando a escola pública uma escola cristã não-confessional, mas acabam sendo derrotados em sua proposta (MORGAN, 2001, p. 48-49).

Progressivamente há uma aproximação entre os setores conservadores e que têm na vitória dos Estados Unidos sobre a Alemanha na Primeira Guerra Mundial um grande argumento em favor de sua posição. Os fundamentalistas fazem uma estreita associação entre as ideias da Teologia Liberal como causa do espírito bélico alemão e como explicação das crueldades praticadas durante a guerra. Esse argumento dá uma força maior aos fundamentalistas, que concentram seu combate, a partir daí, na luta para manter o ensino da evolução longe das escolas públicas (MARDSEN, 1980, p. 141-153). Nessa luta contra a evolução, Numbers (1992, p. 42-43), em sua história do criacionismo estadunidense, destaca que vários estados do sul acabaram aprovando leis proibindo o ensino da evolução na escola pública. O famoso caso Scopes, ocorrido no Tennessee, por causa de um jovem que deu aulas de evolução, aproximou os fundamentalistas evangélicos dos adventistas do sétimo dia, uma pequena denominação religiosa, que já há algum tempo desenvolvía uma literatura criacionista com o objetivo de combater o evolucionismo por meio da ciência. Apesar da vitória dos fundamentalistas no caso Scopes, a reação negativa da opinião pública ao episódio diminuiu a força da militância. Apesar da retração dos fundamentalistas, sua existência permaneceu firme e dentro de seu espaço desenvolveu-se uma intensa formação de escolas superiores bíblicas e a organização do pensamento criacionista em grupos de estudos e institutos de pesquisas (NUMBERS, 1992, p. 50-510; ARMSTRONG, 2000, p. 245-250).

Mentalidade fundamentalista

Apresentados os elementos formadores do fundamentalismo, é fundamental analisar alguns aspectos sobre a mentalidade fundamentalista. Velásquez Filho (1990, p. 124-125) vê os fundamentalistas como um movimento de resistência à modernidade que tenta se agarrar às certezas absolutas. O fundamentalismo seria herdeiro, em parte, de um pensamento oriundo do empirismo de Francis Bacon, que pressupõe a possibilidade de uma objetividade total do conhecimento desde que o ser humano esteja desprovido

de qualquer preconceito. Uma importante vertente do pensamento do empirismo foi a formação da filosofia do senso comum, de Thomas Reid, que segundo Velásquez Filho (1990, p. 115-120) teria contribuído como alicerce do pensamento fundamentalista. De uma forma sucinta podemos afirmar que esse pensamento supõe a universalidade da verdade e que, portanto, nenhum fator, seja econômico, cultural, social, pode afetar a compreensão da verdade. É importante deixar claro que essa premissa filosófica está na base do pensamento fundamentalista. Apesar de a fundamentação filosófica do senso comum sustentar os pensamentos fundamentalistas, essas premissas são atribuídas, obviamente, não a uma origem histórica e social, mas como uma consequência do que a Bíblia fala sobre si. Assim, para o fundamentalismo, a Bíblia oferece as próprias regras de interpretação. Desse modo, quando lida sem preconceitos a verdade aparece. As diferenças e divergências de interpretação entre os diversos fundamentalismos são interpretadas como um desvio da verdade que se impõe devido aos preconceitos pessoais. Assim, o fundamentalista acredita que o outro poderá chegar à verdade desde que seja tão livre de preconceitos quanto ele o é na recepção da verdade.

Outra análise proveitosa para o entendimento da mentalidade fundamentalista é apresentada por Barr (1977). Sua análise crítica do pensamento fundamentalista procura dissociar a relação simplista entre atraso intelectual e fundamentalismo. Barr (1977, p. 11) considera o fundamentalismo a expressão moderna de uma tradição religiosa dentro do protestantismo que, de certa forma, acredita na Bíblia como um livro que se autointerpreta e que é possível construir uma teologia tomando-a como base exclusiva. Apesar de considerar esse pressuposto totalmente equivocado teologicamente, ele evita estabelecer uma caricatura de atrasados mentalmente aos fundamentalistas. Barr (1977, p. 310) considera o fundamentalismo negativo, por levar as pessoas que aceitam essa visão a considerarem-se superiores aos outros cristãos que não partilham de sua visão, e, portanto, rejeitam qualquer possibilidade de diálogo. Embora Barr (1977, p. 317) considere o fundamentalismo uma espécie de patologia teológica, não associa a ele nenhum traço psicologicamente suspeito, pela participação em grupo religioso fundamentalista. Esse aspecto é importante, pois ele reconhece que há uma parcela expressiva de membros de Igrejas fundamentalistas com uma cultura razoável. Assim, ele procura dissociar a representação costumeira de fundamentalismo e ignorância. Separa, também, a mentalidade do teólogo fundamentalista da do leigo. O teólogo normalmente dotado de uma formação de ensino superior tem consciência dos problemas da transmissão do texto bíblico, das influências culturais sobre a formação do cânone, mas associa essas informações como uma conspiração contra a verdade. Assim, o teólogo trabalha, primeiro, no sentido de uma ocultação desse proble-

ma à congregação; segundo, no desenvolvimento de contra-argumentos àquilo que veem como um ataque à verdade bíblica. Assim, o papel do teólogo fundamentalista é combater tudo que pareça ser novidade. Quanto ao leigo fundamentalista, ele pode ter uma boa formação profissional em sua especialidade de trabalho e recebe a mensagem religiosa que lhe parece adequada às suas expectativas pessoais, mas não tem grandes domínios do conhecimento religioso, de forma que não tem o que argumentar diante do exposto pelos teólogos. Evidentemente, um dos aspectos que se destacam ao estudarmos sociologicamente tais segmentos religiosos é o oferecimento de um conjunto de certezas diante de um mundo instável. Armstrong (2000, p. 403-408), analisando a expansão dos fundamentalistas, demonstra justamente o papel de ordenamento do mundo que esses movimentos oferecem aos crentes, em um momento de tantas incertezas. Um dos aspectos relevante é que, ao interpretar todos os acontecimentos dentro de um quadro profético, o fundamentalista acredita ter uma visão privilegiada do mundo, porque, ao contrário dos especialistas, ele já sabe exatamente o que acontecerá.

Estando bem posto que o fundamentalista protestante é um sujeito crente na inspiração verbal da Bíblia, que a toma como uma verdade absoluta e acredita na possibilidade de se descobrir tudo a partir dela, precisamos entender qual é o papel do criacionismo científico dentro do fundamentalismo protestante.

Antes, porém, de analisarmos o criacionismo no fundamentalismo protestante, gostaríamos de ressaltar que é importante ter-se claro que o fundamentalismo protestante é uma categoria de classificação, a partir de uma teologia comum. Apesar de cada denominação religiosa fundamentalista aceitar os nove pontos mencionados por Schweitzer, em vários outros aspectos há significativa diferença entre eles. Assim, essa análise toma as características gerais do fundamentalismo, não pretendendo analisar as diferenças próprias de cada grupo fundamentalista.

Apresentação dos principais argumentos do “criacionismo científico”

Antes de tudo, podemos afirmar, de maneira geral, que o cristianismo é uma religião criacionista, pois identifica e atribui a natureza, o conceito de criação, a uma obra divina. No entanto, essa compreensão pode ter vários desdobramentos em sua interpretação. O criacionismo científico é um nome específico para designar uma interpretação moderna da doutrina da criação dentro do fundamentalismo protestante. Em primeiro lugar, caracteriza-se por defender a leitura literal do Gênesis como a única forma correta e verdadeira para se entender as origens. Em consequência, é uma rejeição do pensamento do evolucionismo teísta ou criacionismo-evolucionista, comum às grandes

Igrejas. Em segundo lugar, acredita ser possível confirmar o relato bíblico a partir das pesquisas científicas. Basicamente, esse segundo ponto tem na pesquisa para demonstração a universalidade do dilúvio e a impossibilidade da megaevolução, os temas principais a serem pesquisados pela agenda do criacionismo científico¹.

A literatura antievolucionista em inglês sobre o tema é muito ampla. McIver (1992) organizou uma revisão bibliográfica dos livros antievolucionistas publicados nos Estados Unidos durante o período entre 1880 e 1990 encontrando cerca de 1.800 obras, sendo a maior parte de partidários do “criacionismo científico”. Para entendermos o papel do “criacionismo científico” nas comunidades fundamentalistas, é necessário conhecer seus argumentos. Assim, empreendemos uma revisão bibliográfica dos principais autores atuais, concentrando-nos mais nas obras em português (quase todas traduzidas) com o objetivo de identificar os principais argumentos utilizados na defesa do tema e que seriam os mais comumente apropriados pelos fundamentalistas no Brasil.

Antes de analisarmos os argumentos gerais do pensamento do criacionismo científico, é importante destacar que há divergências entre os diversos autores. Engler (2007, p. 87-101) apresenta diversas tipologias para classificar as correntes criacionistas. A partir das tipologias apresentadas, ele propõe uma classificação complexa, avaliando vários aspectos como a forma da interpretação da Bíblia (literal, figurativa ou mito), tipo de ação criativa de Deus, idade da Terra, aceitação da evolução, entre outros itens (ENGLER, 2007, p. 102). A classificação proposta por Engler é bastante detalhista e realmente dá um panorama geral das diversas correntes criacionistas, no entanto, como ele mesmo indica, nem todos os criacionistas estão em conflito com a evolução biológica ou a geologia. Em sua classificação é possível perceber que o criacionismo científico está associado ao protestantismo fundamentalista, pois é o que está associado à leitura literal da Bíblia. Assim, constatamos que os argumentos do “criacionismo científico” podem ser agrupados em três eixos principais: a Bíblia é um livro de ciência; o dilúvio foi universal e é capaz de explicar toda parte da coluna geológica que contém os

1 A partir da década de 1990 surge um grupo defensor da Teoria do Desígnio ou Planejamento Inteligente, nos Estados Unidos, que visa demonstrar provas da necessidade de um Planejador para a natureza, sem se valer, como no caso do criacionismo, do texto bíblico. Boa parte do criacionismo científico aprecia os argumentos da Teoria do Desígnio ou Planejamento Inteligente, mas não iremos analisar essas ideias nesse estudo, para ficar mais relacionado a um movimento historicamente ligado ao protestantismo fundamentalista.

fósseis; e, por último, a evolução biológica é apenas uma teoria, não havendo um único ancestral comum. Esse último eixo é normalmente o mais destacado pela imprensa, mas é apenas um deles.

O primeiro aspecto que desejamos esclarecer é a ideia simplista do criacionismo como um movimento contrário à ciência. Na realidade, o próprio título autoatribuído de criacionismo científico já indica a valorização da ciência. O objetivo é justamente mostrar o paradoxo da relação dos fundamentalistas com a ciência, na relação construída pelo criacionismo científico. A declaração seguinte demonstra claramente essa tentativa de conciliar:

Existem muitas ideias científicas na Bíblia que a ciência moderna tem confirmado (embora não intencionalmente) [...] Desde que tantas afirmações científicas fundamentais existentes na Bíblia têm sido comprovadas como verdadeiras, isso nos dá um forte apoio indireto para a verdade contida no livro de Gênesis. (PARKS, 2000, p. 111).

Entre as afirmações científicas antecipadas pela Bíblia estaria a informação de que a Terra é um globo ou esférica (baseado em Isaías 40.22) e está sustentada no nada (baseada em Jó 26.7). Os autores do criacionismo científico, em harmonia com os seus teólogos, gostam de apresentar diversas outras passagens, que são utilizadas como evidências de que a Bíblia é um livro de ciências.

Além das verdades científicas, há um apelo aos fatos da história que estariam profetizados na Bíblia. Brand (2005, p. 81) afirma: “Um tipo de evidência é a profecia. A Bíblia há muito tempo predisse que certas coisas ocorreriam. Quando elas acontecem, nossa confiança na confiabilidade bíblica é sustentada”. As profecias a que ele se refere são do livro de Daniel, capítulo 2, no qual seria predita a seqüência dos grandes impérios desde Babilônia até o dia de hoje. Para Brand (2005, p. 85), também o livro de Levítico não apresentaria rituais de purificação religiosa, mas lei de saúde! Ele afirma: “Moisés escreveu muitas coisas fascinantes a respeito da saúde nos livros iniciais da Bíblia há aproximadamente 3.500 anos. A ciência só começou a entender de micróbios e de biologia molecular a partir do século XIX”. Segundo Brand (2005, p. 86), um médico estudou as leis levíticas e concluiu que elas poderiam ser consideradas ainda corretas. E ele completa: “Poderia Moisés ter inventando essas leis de saúde que, por sorte, estavam corretas? Não tenho fé suficiente para crer que isso apenas aconteceu por um acaso”. Esses são apenas alguns exemplos que demonstram a visão fundamentalista apresentada em livros criacionistas sobre a Bíblia como portadora de verdades científicas. Logo, se em diversos aspectos do conhecimento científico a Bíblia está em

harmonia com os fatos amplamente divulgados e conhecidos, é válido questionar se não seria possível demonstrar que ela também está certa no que se refere às origens, e que o caso da negação de vários conceitos científicos estaria, na realidade, apenas no nível da interpretação de alguns dados. Além disso, outra ideia subjacente a essa argumentação é: a Bíblia é um livro inspirado por Deus, logo antecipa conhecimentos modernos, pois Deus é o Criador da natureza e conhece tudo o que fez. Esses exemplos são comuns em livros criacionistas, pois poderíamos afirmar que o primeiro aspecto a ser construído é justamente a confiança na Bíblia. Aqui consideramos muito importante destacar que uma forma de dar credibilidade à Bíblia é demonstrar que nela já estão contidos conceitos científicos atuais e que até os grandes rumos da história já estavam revelados na profecia.

Assim, em primeiro lugar se constrói uma argumentação que tenta demonstrar que a crença na Bíblia é totalmente compatível com o conhecimento atual. Boa parte das argumentações criacionistas segue esse tópico. Assim, o primeiro passo da literatura criacionista é solidificar a ideia de que a Bíblia é um livro confiável e atual.

O “criacionismo científico” deseja provar a veracidade do relato bíblico. Essa distinção sobre a questão do papel da Bíblia é fundamental, pois, na realidade, o criacionismo não é apenas uma concepção que atribui a Deus a origem do universo, mas essencialmente uma defesa de uma leitura literal da Bíblia, tornando-a uma obra científica.

Uma vez estabelecida a confiança na Bíblia, o passo seguinte do “criacionismo científico” é a defesa do dilúvio universal como forma de explicar a coluna geológica atual. Uma das principais críticas à historicidade dos mitos dos Gênesis foi o desenvolvimento de uma geologia histórica uniformista que atribuiu longos períodos de tempo para a formação atual da paisagem terrestre. Dentro do modelo criacionista, o responsável pela formação atual seria o dilúvio. Brand (2005, p. 273-274) justifica a importância do dilúvio para o criacionismo científico:

Eliminando-se o dilúvio também se elimina o relato da criação. Sem o dilúvio para oferecer um mecanismo para a distribuição dos animais e plantas, a ordem dos fósseis requer que se recorra à megaevolução para explicar sua seqüência. Em relação a isso, as duas abordagens internamente consistentes são (1) a megaevolução durante milhões de anos (conforme a filosofia que não considera o relato do Gênesis seriamente) e (2) a criação bíblica com um dilúvio mundial geologicamente significativo. Existem tanto razões religiosas como científicas para pensar que a segunda opção é digna de ser considerada seriamente. Ela é consistente com a aceitação da Bíblia como autoridade em teologia, ciência e história quando se aborda tais questões.

O raciocínio acima é importante, pois destaca a clareza de que a criação, como evento único, não pode ser observada, mas o dilúvio, como um evento catastrófico, teria deixado suficientes evidências de sua veracidade, de modo que a demonstração da plausibilidade do dilúvio daria, como consequência, credibilidade à narrativa da criação.

A veracidade do dilúvio é sustentada a partir de diversos argumentos. Para Roth (2001, p. 223-224), por exemplo,

a abundante evidência para atividade subaquática nas camadas sedimentares sobre os continentes é respaldada por grande quantidade de camadas marinhas, turbiditos e leques submarinos, bem como por uma vigorosa direcionalidade deposicional exibida pelos sedimentos sobre os continentes. Essa evidência se ajusta bem a um modelo diluviano. Os depósitos incrivelmente difusos nas camadas sedimentares da Terra também parecem substanciar um modelo diluviano.

Assim, nesse argumento, a ideia é que os sedimentos indicaram uma catástrofe de grande proporção. Para explicar o ordenamento dos fósseis na camada geológica, interpretado pelo evolucionismo como o registro da evolução, recorre-se à teoria do zoneamento ecológico. Brand (2005, p. 285) afirma que “durante toda essa atividade geológica [o dilúvio], os animais e as plantas estavam sendo sepultados. A hipótese do zoneamento ecológico tenta explicar como os fósseis foram depositados na ordem em que estão agora”. O conceito do zoneamento ecológico é que no mundo antediluviano os seres vivos tinham outro tipo de ocupação do ambiente terrestre, de modo que os organismos que estão nas camadas mais baixas da coluna geológica viviam em um ambiente de terras baixas, ao nível do mar; depois, os “intermediários” da coluna geológica viveriam em planaltos de altura mediana; e os das camadas superiores, em planaltos elevados. O ser humano na era antediluviana viveria nos planaltos mais elevados, de temperaturas mais amenas. Além disso, o ser humano, como o mais inteligente dos seres criados por Deus, usou a inteligência privilegiada para tentar escapar ao dilúvio, foi o último a ser soterrado pela catástrofe.

Na demonstração da possibilidade de utilizar o dilúvio para explicar a coluna geológica, Souza Jr. (2004, p. 105-112) apresenta em sua obra uma harmonização entre as etapas das colunas geológicas e as etapas do dilúvio narrado no Gênesis. Ele associa as grandes eras geológicas a descrições bíblicas das mudanças ocorridas durante o ano do dilúvio. A Bíblia fala de um período de chuvas (40 dias), um período em que as águas param de crescer, depois um relato de ventos e, por fim, o processo de recuo das águas. Para Souza Jr. (2004, p. 54-55), é completamente adequada essa narrativa bíblica para explicar as características dos sedimentos de cada era geológica. Para

exemplificar, o período cenozóico teria ocorrido durante os 90 dias que, segundo a Bíblia, os cumes começam a aparecer, mas a Terra ainda permanece coberta de água (Gênesis 8.5-9).

O modelo de explicação sobre a ordem dos fósseis na coluna geológica é um exemplo de um recurso usado pelos diversos autores criacionistas para tentar demonstrar a tese da ciência empirista, na qual os dados em si estão disponíveis e podem ser interpretados de diversas formas. Dentro da visão utilizada pelos autores criacionistas, supõe-se, basicamente, que os dados sejam absolutamente neutros; a diferença está simplesmente na interpretação feita sobre eles. Assim, basicamente, o que seria um grande conflito entre a Bíblia e a ciência é reduzido a mero detalhe de interpretação. Assim, o leitor leigo pode ficar, de certa forma, convencido de que se os cientistas não fossem tão preconceituosos contra a religião, eles seriam capazes de ver a mesma coisa que o criacionista vê a partir dos dados disponíveis e obtidos pelos próprios cientistas! É importante, antes de prosseguirmos nas argumentações criacionistas, destacar que a aceitação de todos os argumentos pelos membros não acontece sem alguns questionamentos, ou, às vezes, até debate, por parte dos membros com boa formação científica.

Voltando às argumentações, é possível observarmos que há ainda outro grande ponto de tensão entre os dois modelos: o tempo dos eventos. A geologia atribui a duração de milhões de anos para cada período, enquanto o modelo criacionista supõe que a duração do dilúvio, de um ano, é suficiente para explicar todo o processo sedimentar. Embora os dados da datação radiométrica apontem para longos períodos de tempo, a leitura feita pelos fundamentalistas a partir da Bíblia para a história da Terra não dá mais do que seis mil anos. Pode-se perceber que a diferença de tempo é brutal e não pode ser negada. Para Silva Neto (1999, p. 30-38) o problema é relativamente simples de ser resolvido. Ao falar sobre a questão dos métodos de datação radiométrica, ele procura mostrar os problemas que existem na metodologia e sugere a necessidade de saber se alguma coisa é velha ou nova para usar a técnica. Para Silva Neto (1999, p. 38)

é ridículo e até mesmo difícil de admitir, mas nada teve de científica a decisão de se fazer uso deste método para datar as rochas. O uniformitarismo, uma filosofia cujo grau de veracidade de suas afirmações jamais poderá ser testado, foi o verdadeiro responsável. O método urânio-chumbo de datação foi escolhido sob o pressuposto de que a Terra era muito velha, com o objetivo de dar força a esta ideia.

Após apresentar seis exemplos de contradição entre resultados de datação radiométrica, conclui para o leitor que

vimos, portanto, que não há qualquer evidência sólida de que a Terra é muito velha. As objeções à idéia de que a Terra é um planeta jovem não são feitas com base em argumentos científicos, mas sim em argumentos de natureza filosófica. Os elementos radioativos não representam a palavra final a esse respeito, mas foram sinuosamente utilizados para provar uma idéia preconcebida (Silva Neto, 1999, p. 44).

Assim, provada a veracidade da Bíblia e de um dos episódios mais controvertidos, o dilúvio universal, chega-se ao ataque final contra o pensamento darwinista. O ataque à evolução biológica concentra-se nos problemas da origem da vida e da macroevolução. A maior parte dos autores criacionistas pesquisados reconhecem, de um modo geral, a microevolução, a aceitação do conceito de alterações adaptativas formando até novas espécies, mas alguns evitam o uso do termo, uma vez que existe uma resistência forte à palavra evolução. Insistem, porém, que os demais processos evolutivos seriam apenas uma especulação e não um fato. A principal crítica à evolução biológica começa com o problema da origem da vida. Vejamos algumas considerações. Brand (2005, p. 112) afirma: “Quando a abiogênese é rebaixada a uma ‘sorte miraculosa’, que diferença há entre escolher a origem da vida por processos naturais, apesar da falta de evidências, e escolher crer na intervenção informada”²? A megaevolução, segundo Brand, seria o surgimento de novas famílias, ordens ou filos no sistema evolutivo e esta dimensão estaria fora de possibilidade, embora seja importante destacar que esse autor argumenta que há evidências neutras que poderiam ser aplicadas tanto à megaevolução quanto ao criacionismo, sendo que as evidências contra a megaevolução seriam a falta de fósseis entre os principais grupos e o problema da origem de novos planos corporais. A insistência básica é haver limitação nos mecanismos de evolução. Para De Angelis (1998, p. 77) a defesa da origem da vida de forma materialista é crítica. Ele afirma:

Em 1861, Pasteur demonstrou que a geração espontânea não existe aqui e agora. Desde então, os defensores da geração espontânea tiveram de retrair-se e dizer: “Agora, não, mas há algum tempo, no passado, sim”. Deslocando-a para bilhões de anos atrás, parecia quase impossível contradizê-los.

Ainda no campo da evolução biológica, há uma grande ênfase no problema de que as mutações são predominantemente deletérias e, assim, seria quase

2 Intervenção informada é o nome que Brand utiliza para designar o tipo de criacionismo científico que ele propõe.

impossível que o processo evolutivo gerasse estruturas funcionais positivas. Portanto, o criacionismo científico não é fixista, mas pretende limitar significativamente o processo de diversidade dos seres vivos. Assim, são aceitas pequenas mudanças, mas seriam, consoante a ideia de pecado, deletérias, apesar de o ser vivo ainda poder continuar com aquela nova característica.

Em suma, podemos perceber que, de um modo geral, a argumentação dos criacionistas tenta provar que a Bíblia é um livro científico. Seguindo esse raciocínio, várias discrepâncias entre o criacionismo e o evolucionismo não se devem a problemas de fatos, mas apenas à interpretação dada àquilo que se estuda. É possível pensar um modelo geológico criacionista no qual o dilúvio, conforme narrado na Bíblia, seja a chave para o entendimento. Por fim, a evolução biológica não explicaria a origem da vida e seria um mecanismo insuficiente para explicar o surgimento de toda diversidade biológica a partir de um ancestral. A tentativa dessa argumentação, cujos méritos não estamos discutindo, é sustentar a plausibilidade da crença literal na Bíblia com um mundo em grande parte dominado pela racionalidade científica.

Discussão do papel do criacionismo no fundamentalismo

Há pelo menos duas funções importantes do criacionismo científico no fundamentalismo. A primeira é servir de uma forma de legitimação de sua racionalidade, em um mundo governado pelo domínio tecnológico; a segunda é ser um instrumento para o controle do conteúdo ensinado nas escolas públicas nos Estados Unidos.

Para entendermos aquilo que consideramos a primeira função precisamos destacar que os fundamentalistas, de um modo geral, não têm uma rejeição sistemática às técnicas modernas. Esse dado também é observado por Schlegel (2001, p. 138-139), que destaca até o oposto: que diversas formas de fundamentalismos fazem um uso apreciável das técnicas modernas, que são vistas quase sempre como neutras, sendo legitimado o seu uso, em especial para o benefício de suas próprias convicções. Ele analisa que esse uso tende a ser excessivo, na medida em que esse recurso tecnológico pode ser útil à expansão política ou mesmo à defesa de seus interesses econômicos. Assim, o fundamentalismo não é uma crítica geral à modernidade, mas apenas a alguns aspectos dela. A incorporação das tecnologias das mídias, desde o rádio até a internet, na “pregação do evangelho” demonstra que o fundamentalismo adota aquilo que considera importante para sua expansão. As tecnologias das mídias são vistas como veículos, por esta razão podem ser veículos de difusão do evangelho por meio de programas adequados a essa função. Muitas das tecnologias atuais são desenvolvidas em função do conhecimento científico. Como já foi dito, Mendelsohn (1993, p. 29-32) demonstra que os fundamen-

talistas cristãos defendem que a ciência nasceu apenas no mundo ocidental e o cristianismo foi decisivo para esse surgimento. Assim, a ciência tem uma identidade com o cristianismo em sua origem, e o domínio de uma visão materialista atual é sinal do desvirtuamento da sociedade moderna. Assim, cabe ao cristão fundamentalista reconquistar a ciência para a difusão do cristianismo. Moore (1993, p. 52-60) também aponta para o fato de os fundamentalistas tentarem recriar um estilo de vida em que todos os aspectos da vida sejam regulados por suas crenças. O papel do “criacionismo científico” é um elemento fundamental para harmonizar a crença e o valor da transcendência da Bíblia com os conhecimentos científicos, amplamente difundidos na sociedade moderna. Portanto, o papel do “criacionismo científico” é oferecer uma oportunidade para que o fundamentalista use a ciência, mas o faça de acordo com suas crenças, e não as modificando em função do que as pesquisas científicas trazem.

O “criacionismo científico” tem o papel de legitimar a visão de mundo fundamentalista como dados do próprio pensamento moderno. Ao dividir a ciência em verdadeira e falsa, os defensores do “criacionismo científico” procuram oferecer uma argumentação aos membros mais estudados e familiarizados com o conhecimento científico, o reconhecimento do valor da ciência. Não é a ciência em si que é perigosa, mas os cientistas ateus e materialistas que, por rejeitarem a verdade bíblica, ficam confusos ao interpretar os dados da natureza. Se considerarmos que dentro da visão fundamentalista a noção de pecado é muito forte, podemos compreender a plausibilidade da argumentação acima, pois, na medida em que a pessoa não está direcionada por Deus em sua vida, ela está em pecado e sua compreensão da verdade também fica prejudicada.

O “criacionismo científico” é visto pelos fundamentalistas como uma ferramenta indispensável para auxiliar os membros, em especial os que têm formação universitária, a manterem-se firmes na fé e a defenderem-na em ambientes hostis àquilo que consideram a verdade bíblica. Para os fundamentalistas, o valor do criacionismo científico é decorrente da habilidade em utilizar uma linguagem e uma argumentação científica para desmascarar a evolução geológica e biológica. Além disso, ao mesmo tempo, dá suporte ao modelo bíblico. É interessante observar na análise da literatura criacionista a rejeição ao conceito fideísta. Na filosofia, o fideísmo supõe a fé como algo subjetivo, mantido apenas pela crença do indivíduo, não passível de provas. Assim, as argumentações são apresentadas de forma a convencer o leitor que acreditar na Bíblia, em especial em sua leitura literal, não é apenas uma opção de fé, mas algo que pode ser “amplamente” comprovado até pela ciência. Portanto, a função interna do “criacionismo científico” é construir uma

racionalidade para que o membro se sinta capaz de lidar com o mundo moderno, permitindo-lhe construir imaginariamente uma “ponte” com a modernidade. Assim, boa parte dos membros das Igrejas fundamentalistas, ao ouvirem um discurso recheado do que seriam explicações científicas, convencem-se de que sua experiência religiosa usa os recursos mais modernos e que a própria ciência, quando bem utilizada, serve de confirmação para sua fé na Bíblia. A “validação” da fé pela ciência pode parecer um paradoxo fundamentalista. Afinal, o fundamentalismo é associado a uma rejeição à modernidade, contudo, como já pudemos expor, essa relação não se dá de forma simples. Para o fundamentalismo não há esse paradoxo. Afinal, a natureza, objeto de estudo da ciência, e a Bíblia, o livro inspirado, provêm do mesmo Deus e, assim, precisam estar em harmonia. Os conflitos entre ciência e religião, como entre Galileu e a Igreja Católica, demonstram apenas o quanto o desconhecimento da Bíblia por parte das autoridades religiosas levou a criar um conflito desnecessário: afinal, as passagens usadas para defender a fixidez da Terra poderiam ser tomadas figuradamente.

Numbers (1992, p. 87-88) explica o surgimento dos ataques ao evolucionismo pela percepção de que posições de dogmas religiosos – por exemplo, um dia santificado por Deus ou um juízo vindouro, à semelhança do dilúvio – ficavam comprometidas com a ideia da evolução. Considerava-se que mesmo a ênfase na experiência de conversão, para receber Cristo como salvador pessoal, e a libertação da condenação ao pecado eram afetadas pelo evolucionismo. Afirmamos que o criacionismo científico tem o objetivo de legitimar a fé pela ciência, em função de ele ter sido proposto como uma forma de demonstrar as verdades bíblicas. Portanto, o criacionismo científico tenta manter toda a rigidez doutrinária, tentando não se centralizar na fé pessoal e subjetiva, mas fundamentando-se paradoxalmente em aspectos supostamente objetivos, com o desejo de ser um suporte racional.

Ainda precisamos considerar que o fundamentalista considera a Bíblia um livro válido para guiar a vida humana. É a partir de sua leitura que se deduzem diversos aspectos da luta fundamentalista: como a oposição ao feminismo e à igualdade do homem e da mulher, a oposição ao aborto, oposição ao homossexualismo, defesa do direito de os pais castigarem fisicamente os filhos, entre outros aspectos da luta atual dos fundamentalistas protestantes. Assim, a possibilidade de demonstrar cientificamente a verdade bíblica cumpriria um papel fundamental na luta contra o “humanismo secular”, pois estaria demonstrando que se a Bíblia merece respeito como um tratado de história e ciência, suas normas morais continuam válidas. Assim, o criacionismo científico seria um auxiliar na legitimação de todo e qualquer valor que, para o fundamentalista protestante, precisa sempre ser bíblico para ser válido.

Além de pensar o criacionismo científico como um importante aliado na luta espiritual percebida pelo fundamentalista, podemos também pensar que o criacionismo científico é uma tentativa de promover “encaixes” tentando restaurar um pensamento sintético. Giddens (1991, p. 29-37) considera que a modernidade apresenta-se como uma era de peritos e especialistas, em que os conhecimentos nem sempre falam a mesma linguagem, pois nos sistemas especialistas busca-se entender mais, sem se preocupar em estabelecer relações conceituais e funcionais com todos os outros conhecimentos, uma vez que esse conhecimento é tão amplo que efetivamente se torna impossível fazer uma conexão entre todos os saberes. A tentativa do criacionismo científico é justamente voltar a fazer uma síntese, de forma que a crença bíblica possa ser harmonizada com o conhecimento científico. Aqui vemos, justamente, uma característica relevante das obras criacionistas avaliadas: os autores, de um modo geral, falam de áreas além de suas especialidades. Ao apresentarmos, na seção anterior, os principais argumentos do criacionismo científico, procuramos ressaltar justamente a tentativa de elaborar uma síntese, e apresentar uma explicação harmoniosa em todas as áreas dos saberes que estariam envolvidos no tema criação.

A segunda função que podemos entender do criacionismo dentro dos movimentos fundamentalistas não é tão evidente no caso brasileiro, mas muito claro no caso dos Estados Unidos. Numbers (1992, p. 318-320), ao analisar a história do movimento criacionista nos Estados Unidos, demonstra a retomada do debate do ensino do criacionismo nas escolas públicas. Uma vez que a proibição ao ensino da evolução fracassou, a nova estratégia é exigir o ensino do “criacionismo científico” na escola e nas aulas de ciências. Segundo a análise feita por Gilkey (1982:39-40) à proposta criacionista sobre o ensino do tema nas escolas públicas, os criacionistas defendem que há apenas duas formas de explicar a origem das coisas: uma é o “criacionismo científico” (baseado na leitura literal da Bíblia) e outra é o evolucionismo (suposto necessariamente como materialista e ateu). Esse seria um dos erros do criacionismo científico, além de, segundo ele, haver confusão conceitual entre fato e teoria na ciência, o tipo de conhecimento religioso e do científico e, também, sobre o significado de observação em ciência.

A ideia de polarização do criacionismo científico com o evolucionismo materialista é uma estratégia para defender o tratamento igual na escola, afirmando que ambos são modelos científicos. A criação em si é um ato único e não está, em si, sujeita a investigação científica, mas a investigação científica pode ser usada para demonstrar a veracidade desse evento único. Por que deveria a criação ser tratada de forma igual à evolução? Porque essa também é uma “teoria”. Como “teoria”, a evolução é apenas uma especulação, uma

vez que, à semelhança da criação, cada processo seria único. Portanto, segundo Gilkey (1982, p. 19-40), os defensores do ensino do criacionismo científico na escola pública consideram perfeitamente legítimo o tratamento igual das duas teorias, ou, como preferem, dos dois modelos, para que os alunos possam decidir sobre qual é verdadeiro.

Não queremos analisar os argumentos utilizados, apenas nos fixar na estratégia. A proposta de que o “criacionismo científico” é um modelo científico para explicar os eventos das origens tem como objetivo retomar o debate sobre o ensino do criacionismo no sistema escolar público. A consideração de que as leis antievolucionistas eram inconstitucionais, pois tinham motivação religiosa, foi uma derrota dos fundamentalistas pelo controle da escola pública estadunidense. Assim, ao desenvolver uma literatura e um modelo de “criacionismo científico”, o debate tenta ser recolocado em outro plano, saindo do ensino religioso diretamente dito e transferindo o debate para as aulas de ciências. Assim, a construção de um modelo de “criacionismo científico”, seja válido ou não do ponto de vista da comunidade científica, tornou possível, na visão das comunidades fundamentalistas, a retomada do debate contra a evolução e a luta para que o criacionismo seja introduzido nas escolas públicas. Não se pode dizer que a estratégia seja de êxito, mas tem tido seus efeitos, pois de tempos em tempos há alguma posição favorável ao ensino do criacionismo nas escolas públicas em algum local nos Estados Unidos. As vitórias têm sido seguidas de derrotas, mas, de toda forma, praticamente em todos os estados há fundamentalistas pleiteando o ensino do criacionismo nas escolas públicas.

As duas funções do criacionismo científico dentro do fundamentalismo protestante não são independentes entre si. Na realidade, elas foram divididas com o objetivo de facilitar a análise e compreensão da importância do chamado “criacionismo científico” entre os fundamentalistas. A ideia de que esse pode provar suas crenças e impor sobre seus oponentes uma argumentação convincente é importante, na medida em que, em maior ou menor grau, o fundamentalista se sente em oposição à cultura dominante. A crença de que seus argumentos são sólidos, pois estariam usando as mesmas “armas” da cultura secular, dá uma grande certeza de sua superioridade em relação à cultura que lhe é hostil. Justamente por isso, Gilkey (1982, p. 40) afirma que o criacionismo científico não é uma simples volta ao passado, mas um tipo de movimento no qual se identificam elementos da modernidade, como o apreço à ciência, embora sustentado em uma visão equivocada dela.

O criacionismo no Brasil

É indispensável que consideremos alguns aspectos particulares do “criacionismo científico” no Brasil. Podemos observar em nossas pesquisas

da bibliografia, das sociedades criacionistas no Brasil³ e dos eventos registrados na mídia, que o criacionismo no Brasil tem uma dimensão muito reduzida comparado aos Estados Unidos. Algumas razões podem ser facilmente identificadas. A primeira é que nos Estados Unidos o número de fundamentalistas é muito maior que no Brasil. Lá há grandes denominações protestantes fundamentalistas, enquanto aqui, embora as duas maiores denominações protestantes de missão no Brasil, os batistas e os adventistas do sétimo dia, sejam predominantemente fundamentalistas, elas apresentam um número de membros muito inferior ao das grandes denominações pentecostais, e a maioria no País ainda é católica. Ainda que as grandes denominações pentecostais, como Assembleia de Deus e Congregação Cristã, tenham uma posição bastante conservadora em termos religiosos, não seria adequado incluí-las como fundamentalistas, mesmo que eventualmente possam estar próximas de uma teologia conservadora e até tenham um interesse ocasional no tema. O fundamentalismo protestante defende a verdade bíblica, portanto, sua ênfase é na doutrina e não na experiência espiritual. Inclusive, a teologia fundamentalista vê com suspeita a experiência pentecostal (BRUNER, 1989, p. 179-226; HEGSTAD, 1974, p. 226-243).

A produção de material a respeito do “criacionismo científico” no Brasil está associada, basicamente, a batistas e adventistas do sétimo dia, tanto em termos de instituição como de ações voluntárias, como das sociedades criacionistas. A pequena quantidade de material produzido, sendo quase a totalidade traduzida, demonstra a fragilidade do movimento no Brasil.

O segundo fator é a relação dos protestantes brasileiros com a escola pública. Enquanto nos Estados Unidos os protestantes são maioria, ainda que divididos em diversas denominações, e veem a escola pública como um espaço indireto de sua influência, no Brasil o sistema público foi pouco expressivo durante muito tempo e as escolas confessionais tiveram uma grande liberdade de ensino. Como são minoria no Brasil, os protestantes criaram suas próprias redes de ensino, nas quais sempre tiveram liberdade de ensinar suas posições fundamentalistas. Um episódio recente ocorrido no Rio de Janeiro, no qual a governadora Rosinha Mateus autorizou o ensino de criacionismo nas escolas públicas, é um pequeno paralelo. O criacionismo foi autorizado nas aulas de ensino religioso, exatamente a forma que os criacionistas estadunidenses mais rejeitam, pois seu grande esforço na construção de explicações criacionistas é para que possam ser reconhecidos enquanto ciência e deem subsídios para

3 No Brasil há três sociedades criacionistas: Sociedade Criacionista Brasileira (Brasília-DF), ABPC (Belo Horizonte, MG) e Sociedade Origem e Destino (Campo Grande-MS), todas com sites na internet para divulgação de material criacionista.

contra-atacar a evolução, símbolo da modernidade e do liberalismo, no campo da própria ciência. Além disso, na avaliação dos *sites* dos movimentos criacionistas no Brasil não é possível ver sinais claros para que o ensino do “criacionismo científico” seja introduzido nas escolas públicas. Apenas em uma publicação da ABPC (Associação Brasileira de Pesquisa da Criação) pudemos constatar a intenção de imitar a luta pelo ensino do criacionismo nas escolas públicas. Mas o artigo queixava-se do desinteresse da comunidade evangélica brasileira em se posicionar a favor da questão. Assim, podemos concluir que as ações favoráveis ao ensino do criacionismo na escola pública estão totalmente limitadas a motivações pessoais esparsas.

Portanto, no caso do Brasil, consideramos que a presença do “criacionismo científico”, embora tenha sido descoberta pela grande imprensa, tem uma dimensão reduzida. No caso do Brasil, a função do criacionismo entre os fundamentalistas limita-se ao uso de uma linguagem científica para legitimar suas crenças, que estão em constante choque com a sociedade em geral.

Considerações finais

Consideramos que diante do exposto ao longo desse artigo, pudemos demonstrar que o fundamentalismo protestante e sua criação, “o criacionismo científico”, têm sido muitas vezes entendidos de forma superficial. O fundamentalismo, embora rejeite a secularização produzida pela modernidade, utiliza ampla e irrestritamente os avanços tecnológicos produzidos pela expansão capitalista e a priorização do desenvolvimento da racionalidade científica e tecnológica em seus próprios empreendimentos. Assim, entendemos que o fundamentalista deve ser visto como um sujeito que tenta dividir a modernidade em aspectos corretos e errados, em função de sua mentalidade fortemente dicotômica. Assim, é fundamental retomar o controle de conhecimentos, como o científico, que em sua ótica já estiveram sob a tutela da religião. A possibilidade de demonstrar para si mesmo e para os outros que sua fé tem uma grande base na ciência e pode ser harmonizada com ela, indica que o fundamentalismo, ainda que pretenda manter-se fiel ao passado, constrói sua própria forma de modernidade. A pretensa possibilidade de harmonização entre a Bíblia e a ciência demonstra que ele deseja construir certezas em todas as direções. Assim, ao mesmo tempo em que ele deseja manter uma visão de mundo harmônica, como a que existia nas grandes sínteses da Idade Média, ele se arma de todos os elementos da modernidade para combatê-la. A essência do fundamentalismo é uma relação paradoxal com a modernidade, e a busca da construção do “criacionismo científico” pode ser entendida como uma das mais evidentes demonstrações dessa relação paradoxal.

Referências bibliográficas

- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.
- BARR, James. *Fundamentalism*. London: SCM Press, 1977.
- BRAND, Leonard. *Fé, razão e história da terra: um paradigma das origens da terra e da vida por planejamento inteligente*. São Paulo: Unaspres, 2005.
- BRUNER, Frederick D. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 1989.
- DE ANGELIS, Fernando. *A origem da vida*. São Paulo: Unisa, 1998.
- ENGLER, Steven. Tipos de criacionismos cristãos. *Rever-Revistas de Estudos em Religião*. p. 83-107, jun. 2007.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GILKEY, Langdon. *Creationism on trial: evolution and God at Little Rock*. New York: Harper&Row Publishers, 1982.
- HEGSTAD, Roland. *Rattling the Gattes*. Washington, D.C.: Review and Herald, 1974.
- KEPEL, Gilles. *A revanche de Deus*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- MARDSEN, Georg M. *Fundamentalism and American culture: the shaping of the Twentieth-century evangelicalism*. New York: Oxford University Press, 1980.
- MCIVER, Tom. *Anti-evolution: a reader's guide to writings before and after Darwin*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992.
- MENDELSON, Everett. Religious fundamentalism and the sciences. In: MARTY, Martin; APPLEBY, R. Scott (eds.). *Fundamentalisms and society: reclaiming the sciences, the family and education*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- MOORHEAD, James H. *Word without end: mainstream American Protestant visions of last things, 1880-1925*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1999.
- MOORE, James. The creationist cosmos of Protestant fundamentalism. In: MARTY, Martin; APPLEBY, R. Scott (eds.). *Fundamentalisms and society: reclaiming the sciences, the family and education*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- MORGAN, Douglas. *Adventism and the American republic: the public involvement of a Major Apocalyptic Movement*. Knoxville: The University of Tennessee Press, 2001.
- NUMBERS, Ronald L. *The creationists*. New York: Alfred Knopf, 1992.
- PARKS, Bill. *Como ensinar a seus filhos a harmonia entre o criacionismo e a ciência*. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2001.
- RACHELS, James. *Creation from animals: the moral implications of Darwinism*. New York: Oxford University Press, 1990.
- ROTH, Ariel A. *Origens: relacionando a ciência com a Bíblia*. Tatuí: CPB, 2001.
- SCHLEGEL, Jean-Louis. Fundamentalistas e integristas ante a modernidade. In: ACAT. *Fundamentalismos, integristas: uma ameaça aos direitos humanos*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- SCHWEITZER, Louis. O fundamentalismo protestante. In: ACAT. *Fundamentalismos, integristas: uma ameaça aos direitos humanos*. São Paulo: Paulinas, 2001.

SILVA NETO, Christiano P. da. *Datando a terra: perspectiva criacionista*. Belo Horizonte: Origens, 1999.

SOUZA JR., Nahor N. *Uma breve história da terra*. 2. ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2004.

VELÁSQUEZ FILHO, Prócoro. *O nascimento do “racismo” confessional: raízes do conservadorismo protestante e do fundamentalismo*. In: MENDONÇA, Antonio Gouveia; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo/São Bernardo do Campo: Loyola/Ciências da Religião, 1990.